

COMENTÁRIOS

RESENHA

PADRE PATRONE

Filme de Paolo e
Vittorio Taviani.
Itália, 1977

O filme passa-se na Sardenha, nas primeiras décadas deste século e desenvolve-se através da narrativa do personagem principal, Gavino, que relata sua vida. Da infância à maturidade, Gavino narra sua relação com o pai, seu patrão, mostrando a relação de trabalho, sem tempo para sentimentos de afeto, gratidão, companherismos.

A primeira cena faz a tomada do pai retirando Gavino da escola. O enfrentamento com a professora, representante do Estado, demonstra o poder do pai, e as reações diversas dos colegas sinalizam o comportamento da sociedade. Gavino se urina com a atitude do pai que, efetivamente, mudou sua vida. Com efeito, o fato do pai se dirigir à escola e tornar público seu enfrentamento com as leis vigentes, representa para Gavino, muito mais que o impedimento de estudar e, por esse motivo, a cena se repete para terminar o filme: pai, poder, patrão.

O pai grande, de fala grossa se contrapõe a Gavino, ainda de calças curtas, mudo, subserviente, sem direito a palavra e a vontade. Todavia, os argumentos do pai são fortes: a sustentação e a reprodução da família depende do engajamento de todos nas atividades produtivas. Assim, Gavino, o primogênito, era necessário como pastor no redil para que o pai pudesse cumprir as tarefas comerciais de venda do leite e da lã.

A sequência de cenas que introduzem Gavino no universo do redil, no “novo mundo”, situado nas montanhas e um pouco distante da aldeia apresenta uma sucessão de contrapontos.

O primeiro deles encerra a atitude do pai passando os ensinamentos para o filho de uma maneira prazerosa, pois já possuía alguém capaz de substituí-lo no redil. O pai lhe transmite, sobretudo, os códigos da natureza, ou seja, a conduta correta do pastor com o vento, a água e a chuva, as cobras que atacam as ovelhas. A delimitação do território, a restrita mobilidade e a sequência das atividades representam para Gavino, o confinamento nas montanhas. Para o pai, traduzem alívio, desprendimento de um fardo, satisfação. Essa transmissão de conhecimento constitui nas únicas

tomadas de cena que retratam uma proximidades entre ambos, nas únicas tomadas que podem ser traduzidas como cenas de afetividade.

Como contraponto, essas cenas são interrompidas por uma sequência que mostra o coito das cabras, a iniciação sexual dos adolescentes com jumentas e galinhas, a excitação do pai ao observar os garotos e seu imediato direcionamento para a cama com a esposa. Satisfação sexual, cheiro de fêmea, reprodução de filhos, produção de braços para o trabalho... Era por isso que Gavino estava no redil. Ele fazia parte do ritmo da produção e da reprodução, como o ritmo do coito, como o ritmo acelerado de sovar a massa para produzir o pão. O prazer era reservado para o cigarro, saboreado no tempo de descanso suavemente e com direito a contemplação.

Gavino apreende atentamente os ensinamentos do pai, pois são necessários à sua sobrevivência. Ao mesmo tempo que demonstra medo da cobra, tem ódio de seu destino, ali isolado e confinado nas montanhas. A câmara foca seu rosto e suas expressões na execução das tarefas rotineiras. São tempos de descobertas e de estabelecimento das estratégias de sobrevivência.

No horizonte cinzento dos campos rupestres, os únicos signos da civilização são marcados pela estradinha carroçável e pelo vai-e-vem de Sebastião, um cavaleiro que habitualmente corta a paisagem fumando cigarro com a brasa para dentro da boca. Segundo seu pai, marcado por uma “vendetta”. O campanário enche o ar das montanhas rotineiramente, invadindo o ritmo da natureza e o cotidiano do pastoreio. Para Gavino, as badaladas não são suaves e tampouco prazerosas. Ele tampa os ouvidos para afastar a aldeia, os colegas, a escola, a professora... todos lá bem perto do campanário.

Gavino cresce nesse universo restrito sem se conformar com seu trabalho, com sua vida. Ele usa sua superioridade frente ao rebanho com a mesma brutalidade e rudeza que seu pai o trata e, assim, se fortalece, e cresce com o encrudescimento de um universo fechado em si mesmo. O trabalho e a sequência de atividades no redil passam a ser feitas a sua maneira, sob o seu domínio. Seus segredos, prazeres e vontades são muito bem guardados para o mundo exterior, este, resumido na “visita” do pai. Sem a batuta do pai e com o prazer dos vingadores, desconta em maltratos com as ovelhas.

A morte de Sebastião traz mudanças significativas. O pai compra suas terras e ascende a agricultor, dono de um pequeno olival. Nesse momento da história, é mostrado as novas relações de trabalho que o pai enfrenta. Como produtor de azeitonas, estava sujeito ao preço estabelecido pelos produtores de óleo e, com isso, a ascensão

resultou também, em sua submissão ao “mercado”. O pai desabafa: “Justiça, onde está você? Nos colhões?!”

Com a repetição da reprodução familiar na aldeia, outros garotos surgiam e nasciam, todos destinados a condição de filhos-servos e, no seio da família, Gavino viu a possibilidade de ser substituído e migrar-se como operário. Analfabeto, é trapaceado pelo pai que não assina a autorização para o órgão de migração. Deportado, o destino de Gavino é a aldeia natal: o confinamento e o isolamento do mundo.

Gavino insiste na saída, permitida pelo pai desde que para uma escola militar profissionalizante. Na escola o aprendizado é difícil, a começar pelas limitações de comunicação. Ele dominava apenas o dialeto de “sua terra”. As tomadas na escola exploram essas limitações mostrando seus gestos bruscos, repetitivos e de poucas variações, projetando o universo restrito do guardador de rebanhos. Todavia, o despreparo de Gavino para o mundo exterior – a vida urbana, gente, escola, mulheres – é fortemente contraposto com sua força de vontade em aprender o italiano, a eletrotécnica, as relações humanas.

É nesse contexto que toma consciência do significado de sua existência para seu pai, escrevendo-lhe abertamente. Toma da natureza o exemplo do leão e do caçador, na certeza que seu pai entenderia o papel de ambos. O pai entende o significado, mas a relação não muda. Gavino decide cursar uma universidade e não trabalhar no ofício de eletrotécnico. Para o pai a lógica era simples: em sua casa tem que produzir para comer e se quisesse estudar, teria que pagar pela comida, ou seja, trabalhar no redil ou no olival.

Gavino forma-se em glotologia e, consciente que sua história não é apenas a estória daquele lugar, narra com presteza as relações de trabalho empreendidas na produção familiar, que para garantir a sobrevivência e a reprodução, secundarizam as relações de amizade e fraternidade. Cômico de que seu lugar é ali, a última cena retorna à sua partida da escola, abrigo de filhos-servos, com a certeza de que “de longe, seria mudo, como quando viveu no redil”.

Maria Augusta Mundim Vargas
Profª Adjunto II – DGE/NPGeo/NESA-UFS